

Antologia de Antonio Luiz



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatória

-

Agradecimentos

-

Sobre o autor

-

resumo

Receita de aprendiz de poeta

Tempo de perdoar

A mão que não quero

O sonho de Caroi

Por trás de minhas pálpebras

Vinte e três em imperativo afirmativo

Cópulas

Dançar de azul-celeste

Do vício de amar

Ao verde que havia

#armas_não

Venerado ventre

Passos improfícuos

A cor da entrega

Pedras, os calos da Terra

Caminhos de borboletas

Eu adoro descomplicar

Folhas dançantes

Sessenta e quatro folhas

Soberana inspiração

Desutilidade pública

Um tetrástico

Não deveria parecer ambíguo

A menina do olho d'água

Recado para depois de tudo

Selfies voando comigo

Linhas de anjos

Colibri com penas de aço

Bem-aventurados os enrugados

O verde amor de Esperança

Antonio serenado

Transitar-te

Shadows, ands, and loves

O quintal de minha morada

Onze-horas

Receita com esses

Canície descolada

Versos feitos montados

Demônios ficam, anjos sempre vão

Pra sempre amador

Eu só conto os degraus abaixo

Os últimos versos do 56º ano

O 1º haikai do 57º ano

Mel de um

A culpa das promessas quebradas é do tempo

Ela está mais perto

Azar o das lágrimas

Use com moderação

Poemas amamentados adoecem menos

Gotas de ti

Sou como falo

Em teus braços ardentes

Algo do coração

Infância dissílebrar

Um amor e uns goles de plágio

Ejaculação amorosa

Amar, a ordem que importa

Ame até perder sua cabeça

Serei a sereia

Autobiorretratografia

Dalgum inebriado

O nauta de penico que sonhava

O jardim de um só botão

A lousa e o giz

O incompreensível e inaceitável prazer em plagiar

Meus Antonios-líricos

Prece ao verso

O tempo de ensacar céu azul

... mas passou, como tudo passa

Úbere celestial

Debaixo do caracol dos caracóis dos teus cabelos

Por isso eu floresço em versos

O tempo em meu jardim

Soneto do amigo (de Vinícius de Moraes)

Mãe

Sonetarizando: I

A leveza da nossa valsa

Fim e início em azul

Um amor que transcende

Um viciado em oração

Entre-linhas

Jardim de colírios

Pressa de colorir

Dá-me um raio quelonizante!

Olhar de adubo

Hálito de divindade

Varanda do silêncio das palavras

Saltos da chuva

O amor de coisas que murcham

Risos versus correntes de lágrimas

Olhos da minha musa

Eu aprecio os detalhes

Venerado ventre (repostado)

Ele era um poeta

Não \ "acordem\ " o menino!

O toque da canção doutros sentidos

Fé

Pausa para um haiku

Nau de poetas em mar de tapados

Cravinas com cebolinha

Octogésima nona e uma constelação

Roupeiro de lembranças

Não é uma paz qualquer...

O finado poeta

Renascendo da poesia

Em ti eu sacio essa fome

Trindade poética

Bota fé nesse bote!

+CEUXYYYYYYZZZZ

I'd like to be stuck to your best dream

Certas incertezas

Isso é apenas mais um convite

Cântaro de conflitos criados

Botões de tempo

Pecado sonhado não é pecado

Minha alvorada de doçura

Ele era um poeta – Parte II

O meu corcel bailarino

Encontrado e rachando o bico

Perdoa-me, meu bem!

Exagerado e exponencialmente doce

Ménage a trois celestial

Asado pelo amor

Receita de aprendiz de poeta

transite por seus pensamentos
abaixe o volume da noite do quarto
até que ouça apenas seus passos por lá
reúna todas as suas lembranças boas
confunda seus sentidos com elas
chore exaustivamente e também sorria
depois coloque-as em banho-maria
queime em fogo alto todo o resto
esgote seus ímpetos e anseios
livre-se de toda sua praticidade
considere a beleza da inutilidade
reflita sobre as borboletas e os rios
há esplendor em espelhos d'água
há muita vida em rios pensativos
muito antes de treparem em flores
ou de se darem de comer às aves
as borboletas já sabiam fazer poesia
sente na cama ou deite ou fique de pé
que se dane a forma como você fique
somente permaneça, só, e sozinho
expulse toda a luz do recinto
mantenha o luar atrás do blecaute
percorra o vazio de suas memórias
evite os precipícios e as lacunas
minere a pedra da sua loucura
prosterne-se instantes diante dela
ascenda à luz do arcabouço das palavras
todas carecem de mais sentido
tudo goza de incompletude
até mesmo as palavras mais ditas
conjuntos (des)ordenados de letras
pouca coisa é assim tão capaz
torne angular a pedra reverenciada

acomode palavras sobre ela
uma a uma em forma de versos
e versos sobre versos em estrofes
acomode tantas quantas comportar
fale menos palavras de amor e de dor
amor e dor podem oprimir a estrutura
esqueça até de infância e velhice
harmonize os versos ao léu desse gosto
meça-os ou rime-os se necessário
evite sobrecarregar qualquer ponto
troque palavras de lugar
comute-as, conjugue-as, equilibre-as
demore-se em avaliar cada detalhe
lembre-se que ainda estão a sós
retrate demoradamente sua obra
e deixe-a descansar em algum canto
adormeça algum tempo com ela
prove-a nos dias seguintes
berre-a, cante-a, bise-a, ouça-se
antes de servir aos amigos
certifique-se de que ela dance feliz
no ritmo que lhe foi dado

Tempo de perdoar

Tempo, colosso da criação
nota esse humilde escritor
e repara toda a sua aflição
de caneta em papel, perdido
buscando em formato finito
representar tua imensidão

por não ter te aproveitado
por delírios ou preguiças
carrega um fardo de culpa
mas crê que palavra certa
oferecida-te de bom grado
renda-lhe alguma salvação

Doutor dessas coisas todas
não deixes que ele padeça
há muito que assim labuta
no meio de adultos poetas
lutando nessa injusta luta
ainda malformado embrião

permita-te a ele, Soberano
retira essa couraça obscura
revista-te com tua candura
indica-lhe algo que gostes
deixa, enfim, que te bajule
concedendo-lhe tal perdão

A mão que não quero

estou fadado a ti desde o princípio
sem desejos, nem vãs expectativas
pro encontro das várias despedidas
dia da partida, da despedaçada ida

ainda não estou pronto, confesso-te
sinto-me tão moço pra estar contigo
constranger-me-ia o olhar de adubo
logo eu, semeador assim dedicado

conheço-te por impiedosa teimosia
pra me buscar, não mudarias o dia
quando vieres, não o faça às quinze
o dom de mártir não veio nos meus

quicá me encontres em sonho bom
queria permanecer de olhos cerrados
se eu não o fizer, façam-no por mim
não quero ver tua cara velha e feia

sei da neve que verte de tuas mãos
do frio deixado na carne que tocas
tirem dali, em tempo, meu coração
calejado, enfeitiçado e tão poético

alguém veja de novo em cor de mel
eles não mais servirão àquele corpo
pífia bacia acinzentada de lágrimas
da emanação da coisa descarnada

asada, em branco, como anjo bom
ou encardida pelos tantos pecados?
partirá daqui de trem ou num avião

de jangada ou noutra embarcação?

ateiem fogo às sobras putrefactas
dispersem suas cinzas no Ouvidor
o que de bom espalhei no caminho
nem o fogo nem o gelo queimará

O sonho de Carói

Carói, filho de Deda
por sonhos arrebatado
de inocência carecia
voar voo bem voado

com chapelão de palha
a Dumont era elevado
mas a sorte o impedia
de imergir no azulado

tentava a todo custo
teve até braço quebrado
dava dó de sua agonia
pelo sonho aprisionado

pé de vento certo dia
plantou nele seu recado
se ao alto não subia
que tentasse para o lado

pegou sua traquitana
e abdicou de um rodado
seu "avião" construiria
pois o dia era chegado

aquela gente logo soube
que o menininho avoadado
naquela tarde voaria
do alto de um telhado

reunira-se todo o povo
em calçadas amontoado
e cada cabeça se erguia

esperando o resultado

com asas de pano roto
em bambu entrelaçado
lá de baixo parecia
que fora catorzebisado

de motor, coraçãozinho
com catavento já ligado
do telhado, Carói corria
ao momento tão sonhado

naquele breve segundo
de olhinho bem cerrado
o pequenino se rendia
ao que lhe fora sinado

da tarde, calou-se o riso
e o sol virou-se de lado
menino não mais mexia
em avezinha eternizado

para o povo desalmado
corpo ao chão estatelado
de um anjo, na memória
um voo mais que voado

Por trás de minhas pálpebras

do lado de cá de minhas pálpebras
existe um lugar só pros encantados
um saco de estrelas de botar no céu
de uma casinha por jardins ornada
com uma rede estendida na sacada
e uma lua pendurada em palmeiras
de um rio de lágrimas pré-choradas
pra desaguar no lado dos despertos
sempre que tu de mim ficar distante
assim clamo ao sono que me chegue
e que te conduza a mim enfeitiçada
e então te guardo de olhos cerrados
ao que me abraças tão despudorada
tanto, que até a água ruboriza o rio
e um céu de estrelas logo se acende
e a lua se ergue pra olhar teu corpo
em vai-e-vem se marolando ao meu
enquanto as bocas desse par amante
ora esquecidas da distância ingrata
só se desgrudam para falar do amor
e pra tecer juntinhos alguma prece
que algum xamã por eles interceda
pra que o desejo ali nunca se acabe
e que um dia esse reino encantado
possa existir também do outro lado

Vinte e três em imperativo afirmativo

afia

a tua espessa língua

briga

com todas as forças

canta

pra espantar os males

deita

em todas as camas

esquece

de não me lembrar

faz

um novo caminho

goza

só mais um tiquinho

humoriza

cada gafe tua

imagina

que nada é defeito

junta

todos os teus cacos

lembra

que me esqueceu

morre

só se for preciso

nega

toda a tua culpa

observa

esse meu coração

pinta

com todas as cores

questiona

todos os teus amores

roda

todas as baianas

satisfaz

todos os teus anseios

tenta

começar de novo

uiva

mesmo em defectivo

vive

cada dia um pouco

xinga

o autor deste texto ou

zomba

se ele merecer

Cópulas

Lascivo, o vento invadia sua alcova iluminada,
penetrando-se por entre as pernas da janela.
Enrubescida do tinto que intumescia sua entranha,
uma taça de cristal concedia-lhe a chancela.
Despida, aos olhos de um baby-doll cor de nada,
sentada sobre a cama com um travesseiro de sela.

Insaciável, afugentara o calor do mundo lá fora,
em frio breu, instigara-se por aquela luz amarela.
No vidro verde das costas nuas e molhadas do rótulo,
um "tenrebaC" ofuscado surgia como sentinela.
Entre goles, embrenhava-se em tórridas linhas,
até que a chama do vinho amiudou-se em vela.

Sôfrego, ainda roçava seus braços descobertos,
desejando seu corpo como a uma donzela.
Extenuada, virou-se para o lado do sono vítreo,
não antes de deixar a taça saciada por ela.
Enfim, sucumbiu aos eólicos galanteios ouriçantes,
e deitou-se com ele, até que só lhe restasse soprada!

Dançar de azul-celeste

o nó da vida está sempre afrouxando
e em cada instante caímos um pouco
tal qual ponteiro entre o doze e o seis
mais dia, menos dia, a gente 'dança'
em ritmo imposto, como folha tirada
como asa desprendida dalgum inseto
despencados, inanimados e sicativos
então optei por requebrar na queda
não questionei todo efeito do balanço
não sei se o tombo será mais rápido
e que se dane a física da aceleração!
pelo menos, será bem mais divertido
dançar como a natureza viva dança
procurar nos ritmos o envolvimento
dançar de azul-celeste, como tangará
em seus sutis passos de acasalamento
sem precisar de plateias ou aplausos
dançar alheio à dimensão das pistas
bailar ainda que males me espreitem
se algum deles secar-me em demasia
então dançarei leve tal qual criança
ou se porventura eu engordar muito
então dançarei balançando a pança
não desejo parar por ora, por nada
que assim seja, até que enfim 'dance'
e depois rodopie em toda lembrança
e oxalá deixe um passo por herança

Do vício de amar

amar é como chuva
e se chover, eu pingo
e se pingar, eu bebo
e se beber, eu molho
e se molhar, eu entro
e se entrar, eu entalo
e se entalar, eu puxo
e se puxar, eu caio
e se cair, eu broto
e se brotar, eu cuido
e se cuidar, eu cresço
e se crescer, eu fico
e se ficar, eu jorro
e se jorrar, eu seco
e se secar, eu guardo
e se guardar, eu uso
e se usar, eu gosto
e se gostar, eu afinio
e se afinar, eu canto
e se cantar, eu ouço
e se ouvir, eu chamo
e se chamar, eu pisco
e se piscar, eu gamo
e se gamar, eu conto
e se contar, eu sonho
e se sonhar, eu amo
e amar é meu vício

Ao verde que havia

aonde foste, Curupira?
puseram-te pra dormir
ou plantaram-te por aí
morto, chicomendado
no bordo dum seringal?
levanta-te ou ressuscita
por cá se protesta por ti
em grito verde agônico
como mato, muito bicho
não consegue se mexer
e preguiça sem preguiça
vai por fim incandescer
e em tamanha labareda
o boitatá nem vai se ver
então volta meu menino
proteja-nos novamente
reúna o saci e as fadas
e toda a sorte de artistas
repinte a nossa bandeira
ela já teve a cor da mata
mas ora em mão ingrata
que judia e que maltrata
traz o tom da hipocrisia

#armas_não

enfim, guarnecei meu verso
na aljava, palavras-frechas
celérrimas setas, e um arco
suficientemente tensionado
pra atingir qualquer ponto
não vou me eximir da luta
ainda que noutros campos
por certo, com mais efeitos
incitando a rever conceitos
longe dessa cruel matança
distante das armas de fogo
coisas de projetar maldade
de um tipo inculto covarde
execro-as nos dois sentidos
do cabo pra massa de mira
e da boca do cano pro cabo
as balas que as atravessam
só movem amargos recados
e como mortos não pensam
não os esperam replicados
aqueles que as empunham
em resplendentes coturnos
ou nalgum trapo saqueado

Venerado ventre

Maria, mulher do dia a dia
guardiã da vida humana
sagrada é a tua entranha
fonte de todas as costelas
de cada Adão e cada Eva
de toda e qualquer Maria
meninas, moças, senhoras
impiíssimas e beatíssimas
Aparecidas ou escondidas
perdidas ou que se acham
analfabetas e as literatas
Claras ou em outros tons
da Glória, de suas gentes
da Graça, de seus sorrisos
de Fátima ou das favelas
Joões, Josés e Antonietas
Marias de outras Marias
das Dores, de seus partos
por todos rebentos tortos
por vê-los dependurados
de coração transpassado
Marias, com nome Maria
e das Marias por vocação

Passos improfícuos

conheço a sua estratagemas
e sua andadura de serpente
de muitos botes planejados
no âmago da sua crueldade
dos olhos ávidos e tetricos
deixando esses no caminho
suor, sofrimento e saudade

escamosa, nunca se apieda
ansiando por minha queda
procurando minhas feridas
minhas ulcerações de vida
pra inocular a sua peçonha
abotoando os meus passos
puxando à lama meu nome
pra que me arraste consigo

mas antes que eu apodreça
por seu prêmio, eternizado
hei de predizer o seu passo
e são e salvo, nessa fantasia
já não deitarei o meu corpo
e da perseguição improfícuas
recolherá, então, por castigo
a sofreguidão com que roja
e o seu falso andar de rastros

A cor da entrega

reverencio a cor do anoitecer
na solene túnica de meia-luz
quando o Vênus se faz estrela
içando-se ali, como primeira
aonde o Danúbio Azul passa
pro arrastar de companheiras

são correntes pra mar algum
quicá uns cordões de estrelas
em movimentos cadenciados
bailando o clássico valseado
dos corpos girando aos pares
como eu danço em volta de ti

em torno de si, tantos amores
que rodopiam e depois deitam
nos afazeres de seus prazeres
e então desfalecem completos
como dia que se doa todo dia
no anoitecer, a cor da entrega

Pedras, os calos da Terra

naqueles tempos primeiros
muito antes de todo o resto
eram apenas os sentimentos
brotados em toda superfície

depois, surgiu a brutalidade
tal fera, pesada e truculenta
calcando com as patas sujas
aqueles frágeis sentimentos

e magoada, doeu-se a Terra
e na dor contraiu seus polos
sangrando-se inteira, em pó
intentando assim proteger-se

e desde então, a inata leveza
sem fim, em ação de defesa
preserva-se na crosta sólida
das pedras fincadas ao chão

Caminhos de borboletas

eu conheço a flor de partida
e também a flor de chegada
mas nem tudo nas jornadas
então eu sempre improviso
alheio às menores distâncias
apesar do tamanho das asas
que com esforço eu sustento
sem quaisquer preconceitos
meus incontáveis caminhos

tal velho e sábio alado poeta
dizia-me isso, uma borboleta
zigzagueando o seu legado
parecia com o dedo de Deus
grafando um recado perfeito
por trás de suas linhas tortas
o Criador fundido à criatura
não acima de todas as coisas
mas ali, entre aquelas flores

Eu adoro descomplicar

eu adoro
quando são os teus cabelos
que agarram as minhas mãos
e quando a gente se entrega
ao léu desse empuxo
eu adoro
quando a minha língua se perde
e quando a tua língua a encontra
debaixo dum céu molhado
da tua boca ou da minha
eu adoro
quando vibramos mais forte
na ressonância de nossos corpos
e quando num contra o outro
parecemos somente um
eu adoro
quando a gente se descomplica
e quando abstrai de toda a física
sedimentando nossos sonhos
pra caminhar esse amor
eu adoro

Folhas dançantes

foi num final de tarde de goiaba
março, tempo de verão bichando

sentei-me sob aquele pé de vento
era quente e havia pouca aroeira

o meu chapéu já saía pra caçada
vascolejei forte a minha perereca

entornei uns dois copos de sabiá
então trepei e cantei tal cachaça

folhas caíam com minha cantoria
depois de meio tonto, bailei de lá

quebrei o copo, larguei da pinga
mas eu bebo outros passarinhos

Sessenta e quatro folhas

a saudade chegou numa cantiga de roda
o pai Francisco entrou, tocou seu violão
tirou e botou, mas nem o Zambelê ficou
por ali, apenas o meu primeiro caderno
completo, com sessenta e quatro folhas
lembrança tão carinhosa e já tão anosa:
por seis anos não temos a mesma idade
por seis anos estou mais esbranquiçado
ele nem tanto: preserva-se encadernado
num lindo papel de presente cuchê azul
fechei os olhos ao segurá-lo novamente
umedeci os olhos cerrados ao folhea-lo
na folha de rosto, dobrada tal triângulo
gravados à caneta, meu nome e o título
por Luiza, mãe, e a primeira professora
nas outras, frutinhas coladas nos cantos
recortadas carinhosamente por meu pai
com a sua tesourinha mágica de bigode
de papéis de bala que eu juntava na rua
mágico era também aquele seu canivete
das pontas esculpidas nos lápis cotocos
que meus dedos magrelos empunhavam
pra registrar palavras, novas ou sabidas
abrandando essa sede que de lá já trago

Soberana inspiração

cá dessa singela alcateia
das almas poetas lupinas
içamos um unânime uivo
com zelo e certa ousadia

projetamo-lo forte e alto
pra que assim o retenhas
divindade preta e branca
nas tuas fundas crateras

não é triste, tu bem sabes
em código, é um regozijo
talvez em ação de graças
não fosse o oculto pedido

fazemo-lo de mãos postas
em papéis de nosso ofício
sorva-o então como prece
deusa, e Lua dessa gente

dai-nos além dos reflexos
tu que és espelho e fonte
ampara o nosso caminho
co'a plenitude de tua luz

Desutilidade pública

**Atenção! Atenção! Atenção!
você aí, hipócrita de plantão**

**o nosso serviço de palavras
não é sujeito as suas regras
a sua fictícia personalidade
e a sua falta de sinceridade**

**e pro seu descontentamento
informamos nesse momento
que nós não temos descanso
e não fechamos pra balanço**

**assim, de segunda a segunda
com chuva ou na madrugada
manteremos ativo o processo
de produção do (ácido) verso**

Um tetrástico

no céu azul de minha loucura
eu avoo por entre as palavras
e no vácuo deixado pelas asas
formam-se ali os meus versos

Não deveria parecer ambíguo

e foi como escravo de mim
à mercê das minhas paixões
agrilhado aos meus ideais
e sujeito às minhas vontades
que logrei a minha liberdade

abismem, ela é como cadeia
de montanhas, bastante altas
aonde estrelas fazem morada
vizinhas, ao tão tangível luar
distante do chão das amarras

o vento daqui é mais brisado
e é sorte, pois estou bem leve
pesado só um baú de palavras
presas a significados impostos
que trouxe comigo pra libertar

A menina do olho d'água

desde que era projeto de gente
naquele sacro fluido envolvente
eu golejava inocente escondido

cresci bebendo, algo desmedido
como se fosse uma necessidade
liquefazer-me, após certa idade

evitava a água benta com medo
de replicar são Antônio tão cedo
mas do resto eu bebi um bocado

um dia fiquei muito embriagado
tão diluído, que escorri pelo ralo
percolando o solo nesse embalo

feito mancha, eu parei no lençol
imiscível por meu bafo de etanol
e o freático cuspiu-me, com nojo

e perpassando a fonte dum brejo
compreendi, então, a minha sina
de ver, do olho d'água, a menina

Recado para depois de tudo

quando minha hora chegar

hold my hand tight

don't leave me alone

eu vou estar com muito medo

seja a razão de meus olhos abertos

stay beautiful

put our song on replay

finja ser um baile, engana o trem

se ele parar, esmurra meu coração

with all your strength... again

and don't cry for me, please

caso ele insista em me levar

sustenha tuas lágrimas azuis

my river of tears is already deep

and my soul only knows how to fly

ela se afogaria nessa imersão

Selfies voando comigo

sou o pássaro em tua vidraça
o ponto móvel do firmamento
que na tarde assobiando passa
fazendo ousado chamamento

posa, pousada em minha asa
e agarrando meu úmero direito
registra tua expressão soprada

quero ver como fica a tua face
sustentando esse pau de *selfie*
na imensidão azul, envergado

posa com a gente arremetendo
composição um tanto perigosa
ou faça bocas apenas metendo
a cara, nessa aventura copiosa

Linhas de anjos

no princípio eram só garatujas
e garatujas, tão somente linhas
linhas livres esboçando a forma
a forma pura de se ver o mundo
o mundo visto em olhar de anjo
o anjo, esse que em mim havia

havia forma quase sem recheio
sem recheio, mas jamais vazia
vazia era a mente daquela gente
gente que olhava e não percebia
percebia só em coisas de adultos
adultos, que desprezar ousavam

e ousavam dizendo que o mundo
que o mundo era feito de linhas
linhas infinitas, de todo sentido
e todo sentido ficava pobre anjo
pobre anjo esse meu eu menino
menino da forma que não se via

Colibri com penas de aço

eu rejeitei as tangências
superficiais e sempre frias
e andei por aí reta secante
desvendando os âmagos

eu ignorei as hipotenusas
suaves e sempre cômodas
e enveredei pelos catetos
escalando vértice distante

eu escolhi meus caminhos
invariavelmente exigentes
pois não teria doutra forma
a minha própria identidade

e sim, foi com duras penas
mas não pelas dificuldades
embora um pequeno colibri
sempre fui revestido de aço

Bem-aventurados os enrugados

sejamos bem-aventuradas
todas nós, criancinhas anosas
com carinhas de uva-passa

por aclamarmos o velho
por não temermos espelho
por não perdermos a graça

por termos "digitais" na face
por tornarmos RGs antigos
por sermos tão evoluídas

santas sejam as nossas rugas
santas, mil vezes santas

leitos das águas dos anos
de tantos suores, e lágrimas
sempre rio mais que antes

O verde amor de Esperança

em tardes de chuva, e sozinha
no embalo do seu doce desejo
buscava-a Esperança na janela

e enquanto enchia seus baldes
de pingos contados, na espera
expelia fumacinhas na vidraça

baforadas dos cafés com leite
com leves traços de pão de ló
formavam palco pra corações

então os desenhava com dedo
e os dela maiores que os seus
que era pra ocupar o seu peito

queria pra si um verde de anel
Esperança desejava Esmeralda
sozinha, e em tardes de chuva

Antonio serenado

se me encontrares no mar
com a pele coberta de sal
ponha-me à sombra a secar

depois pendura-me ao luar
por quatro noites seguidas
balançando no agito do ar

não abra mão de me cuidar
e cubra-me, na luz dos dias
proteja-me de impuro ficar

e então poderás me provar
havendo fogo, na dose certa
e um vinho pra acompanhar

Transitar-te

gosto de esperar estacionado em ti
algo ali, entre o nascente e o ocaso
feito um carro velho em exposição
no veludo asfáltico de uma rua nua
sujeito ao fluxo de tua saliva fresca
e estimulado pelas enzimas ígneas
deixar o latente estado de repouso
para te transitar assim novamente

antes de me ter rodando outra vez
invoco de Vênus alguma proteção
o câmbio, que gozou de autonomia
espera, agora, viciado por tua mão
nem a tal inclinação pra esquerda
nada diminui o prazer da incursão
traço contorno em todas as curvas
conheço o tempo de tua distância

troco as lanternas por meus fachos
na penumbra, só teus faróis acesos
no caminho, sinais sempre verdes
verde-azulados ou cor de pálpebra
eu não te avançaria de outra forma
pra comer, demoro-me nas paradas
administro a pressa em todo o resto
a estrada é minha, não ultrapasso

ocluso por tamanha intumescência
teu túnel é o ponto alto da jornada
lubrificado, como se por lava terna
entro e saio, e vou, e de novo volto
o sentido das mudanças de sentido
faz-se notar em frêmitos na parede

só então eu acelero forte, em riste
e tiro de eito, não ando na reserva

Shadows, ands, and loves

**e outrora fizeram amor à sombra
de uma frondosa árvore da vida**

**e na liberdade daquele recôndito
eles mesclavam as velhas sombras
e de tanto ser feito, cresceu amor**

**e optaram por respeito e lealdade
e por fazerem o bem um ao outro**

**e desde então só são vistas juntas
aninhadas e já quase sobrepostas
e como se delas houvesse uma só**

**e eles, que faziam amor à sombra
agora, fazem sombras desse amor**

O quintal de minha morada

nos tempos que me mudei pra cá
eu separei um pedacinho de chão
cercado, com taramela no portão
pra fazer, da nova casa, o quintal

é troncha, a morada sem canto tal
e, ai dele, sem pé-de-versos é ermo
infrutífero e desabitado e enfermo
então o plantei, sob um abacateiro

brotou alegre, e feito um guerreiro
pra escapar da escuridão, cresceu
pendendo-se à esquerda, como eu
por barbas-de-velho, tão vergado

e ficamos análogos, tem-se notado
só que ele faz até versos temporão
e eu nem sempre tenho disposição
pra apanhá-los no pé, já não subo

deixo que caiam, que virem adubo
mas, às vezes, revolvo aquele chão
e coloco-os sujos em meu peneirão
que é de malha grossa e palha seca

pra não segurar caracol e perereca
e pra que vazem versos diminutos
acho crescidos versos mais bonitos
e poema sem tempo fica batumado

Onze-horas

cada momento tem o seu tom
há pouco tempo, as onze-horas
estavam num amarelo gracioso

Receita com esses

fuja-se

inutilize-se

redescubra-se

desarcaiquelize-se

abra mão do eufemismo

esconda-se de você mesmo

pulverize sua comportada forma

desprenda-se da mais rígida norma

coloque na garganta outro pigarro

troque a marca usual do cigarro

aumente o seu dicionário

acorde revolucionário

beba numa torneira

cultive a própria bicheira

reze, invente sua própria prece

peça só por quem nunca te esquece

jamais apodreça por seus desafetos

trate-os como seus vis objetos

cantarole algo dissonante

seja menos elegante

berre com o espelho

remova um quadro velho

durma sem roupa na rede da rua

mostre à Lua sua expressão mais crua

encomende um novo e ousado retrato

com olho de peixe e bico de pato

se o método for insuficiente

faça tudo, novamente:

desarcaiquelize-se

redescubra-se

inutilize-se

fuja-se

Canície descolada

aprendi a desfrutar das minhas cãs
imiscuindo-me a lugares impensados
e em tardes de imensidão desbotada
eu plano, peludo, pelado e encoberto
acima da minha quaresmeira rosada

Versos feitos montados

uma parte de mim é multidão, outra é como as tantas violetas velhas, sem um colibri ai de mim que sou assim, baby... E enquanto eu me esforço pra ser um sujeito normal queria querer gritar setecentas mil vezes: rapte-me, camaleoa... Adapte-me, capte-me mas ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, seria tão contrário a mim pois uma parte de mim é todo mundo, outra parte é apenas um rapaz latino americano que tem um coração dividido entre a esperança e a razão. Meu riso é tão feliz comigo mas basta imaginar e ele está partindo, sereno e lindo, pois a vida é trem-bala, parceiro e entrecortando eu sigo dentro a linha reta, e tenho a palavra que nunca é dita: avôhai! pudera, uma parte de mim é permanente, outra é nuvem passageira, indo com o vento sei dos palmos desse chão, e quero saber em qual rua minha vida vai encostar na tua: na infinita Highway? Na estrada de Santos? Contornando a imensa curva norte e sul? seja aonde for, pra matar a saudade, e pra transformar o meu rascunho em arte final

Demônios ficam, anjos sempre vão

**nem mesmo sabiam responder, aqueles anjinhos
se queriam vestir as suas asinhas assim, tão cedo
ensanguentadas, pra desocuparem os seus ninhos**

**nos bicos, levaram nossa alegria, os passarinhos
em batalha desigual, vencedor, sagrou-se o mal
na coroa do bem, a dor de mais quatro espinhos**

Pra sempre amador

eu calculo já estar desonerado
e também minh'alma aliviada
do plúmbeo e pedregoso fardo
do amar de forma apequenada

de cada pé de amor inventado
amei semente sua não brotada
e do que cresceu mais copado
eu amo até a folha despencada

desde que esse fino fio de vida
era cordão à barriga encravado
em cada instante, tenho amado

e vou seguir amador, obstinado
inda que veja profissionalizado
o ódio daqueles de alma pesada

Eu só conto os degraus abaixo

Eu já vivi mais de 20800 dias, completos. Foram dezenas de aniversários, e eu me lembro de quase todos, até de quando havia bolo com velinhas. De uns tempos para cá, as memórias das datas festivas vêm assentadas, uma a uma, nos patamares de uma longa escada. Nela, eu observo o meu substrato se espalhando em anagrama, em alma e lama. O primeiro, com propensão natural a subir, célere e freneticamente; o segundo, a descer espessamente, manchando a escada. Em vão, eu tento rememorar os primeiros patamares, das velas sopradas no colo de meus pais. No máximo, tenho evitado enlamear degraus mais recentes. Até gostaria de desacelerar o tempo em algum patamar, aproveitando mais os sorrisos próximos, mas a minha alma me puxa. Parece estar ansiosa pelo meu dia incompleto, o derradeiro, em que largará minha mão. Oxalá seja num dos 364 dias de espelho, pois não pretendo tombar num patamar, cercado por inúmeras velas, as quais eu já não possa assoprar.

Os últimos versos do 56º ano

**olho para os meus pais
juntos, somam 159 anos
e o 57 parece tão pouco**

**meus pais são um oceano
rio, mas mesmo chorando
eu sequer formaria poça**

**olho para os meus filhos
os três entre 22 e 28 anos
56 é só o dobro dum bebê!**

**meus filhos são nascentes
a mãe, um sagrado ventre
aonde o tempo nem passa**

**e ao lado da minha gente
em que idade pouco conta
abril sempre será de festa**

O 1º haicai do 57º ano

eu fiz um balanço
da vida de até agora:
dormi embalado

Mel de um

requer atitude

o abelhar da mamangava

audaz atitude

A culpa das promessas quebradas é do tempo

Queria ter minh'alma assoprada com o vento brando da fé dos que duvidam, para que o tempo se prendesse muito mais vagorosamente em mim ou que talvez nem se ativesse a essa camada de pelos brancos que decora a minha ainda succulenta carne. Desprendido de todo o furor dos dias, e com todas as cicatrizes das feridas da vida em aberto, purulando lentamente, como se tudo o que houvesse por curar aguardasse pacientemente ser curado, herdaria, mais por piedade que por merecimento, as amarras de tempo que me conviessem. Dos mares, tomaria as âncoras enferrujadas e cheias de cracas, mas ainda suficientemente pesadas; dos céus, as estrelas anãs e, por conseguinte, as meio mancadas, cujos passos distraíssem toda e qualquer órbita; das terras, as noventaenove topeias detidas na busca das centésimas patas, e as lesmas, sem pata alguma. Então, por ostentar tão imensurável bônus, eu amaria ainda mais o que já rotulasse aposentado como suficientemente amado: o todo amado e o cada pouco, as bocas inteiras e, também, as meias-bocas, coladas, enfim, aos beijos de um então quase sem fim. A voracidade do tempo sempre foi a maior inimiga das minhas promessas de eternidade. E se o que peço for tão pouco ou tão insano, que se me conceda o dobro ou mais um tanto.

Ela está mais perto

cansam-me distâncias
se entre atos e opiniões
e declino delas

antes ir à Lua
sozinho de alguém assim
a lhe render passo

Azar o das lágrimas

pular a sétima lágrima triste
sempre afastou de mim o azar
e isso é tão verdadeiro quanto
a máscara de homem solitário
o meu mais cretino disfarce

em verdade, se parido verbo
teriam curado o meu amarelão
na seção dos bebês transitivos
por carecer de complementos
por já não ter um sentido só

e por só nunca ter me sentido
por tempos não tenho chorado
satisfazendo a minha sintaxe
e ilegitimando toda credence
sorte é não ter esse lamentar

Use com moderação

nós erramos nas doses
nos "amamos" demais
odiamos-nos por pouco
falamos excessivamente
banalizamos as relações
debilitamos sentimentos

mas tanto um eu te amo
quanto um vai tomar cu
têm seus efeitos intensos
ainda, estou convencido
se ditos no tempo certo
use-os com moderação

Poemas amamentados adoecem menos

Entre lençóis de cetim e suspiros,
a musa da minha poesia desnuda os seus seios,
dois pequeníssimos pêssegos pendurados no peito.
E na carícia de minhas sequiosas mãos encantadas,
ordenho o mais completo alimento de meus versos.
A sua entrega é plena. Os meus momentos são ímpares.
Não cubra o rosto do poema, não há perversão na cena!
É só uma mágica sinfonia de sorver a sua doce beleza.
Exiba o néctar que escorre nos cantos das tantas bocas
e o colostro amarelo dos mamilos, entre meus dedos.

Gotas de ti

sonhei que chovia
e apenas gotas de ti
da nuvem espasmódica
da ânfora de teu quadril
em precipitação pujante
e eu engatinhava por ali
apoiado em pilares roliços
com minha boca aberta
e impiedosamente nu
em labuta de língua
e era ora pra fora
e ora língua pra dentro
em forma de guarda-chuva
com cabo voltado pra cima
assim e já que lavas
e já que lavas
e eu lambia cada gota
e as bebia todas
sem nenhuma pressa
e sem qualquer receio
pois se a água desce
mais pura do céu
imagina a vinda de ti!

Sou como falo

tão belos, majestosos e pretos
são os véus e vestidos da noite
vestes que promovem o brilho
das estrelas, da Lua, e o meu

e luzente, assim, eu a percorro
na busca ardente doutro espaço
pra o adentrar, intrepidamente
e hospedar ali a minha turgidez

e ao despir da noite me amiúdo
e me recolho em tocha apagada
desfalecido em albergue escroto
até que a noite de novo se vista

é que no fundo eu sou como falo
bem mais do que aquilo que digo

Em teus braços ardentes

teus lábios, um convite ao supremo pecado
deslizam pelos meus, doce provocação
em cada toque, meu corpo se vê inflamado
suspiro de prazer, cedendo à tentação

em teus braços, outrora meu manso regaço
arde agora a mistura de nosso fervor
pro nosso desejo, é o mais perfeito espaço
o contorno suave do fazer amor

exploramos segredos, buscamos prazer
esquecemos se um dia fomos humanos
nessa total entrega, sem nada temer

amalgamando brasas ao nosso olor
levitamos em cama de deuses insanos
num erótico jogo de cheiro e calor

Algo do coração

questionei o tal cupido
embora fosse descrente
de algo que tanto ouvia
em jovem peito ardente

disse-me o anjo sorrindo
que no coração da gente
batida é de ensinar algo
sutil ou incisivamente

surpreso, do anjo ladino
tornei-me, após, temente
e da escola de meu peito
passei a aluno frequente

ignorei saber de saudade
e coração condescendente
batia algo bem fraquinho
percutindo som ausente

aprendi que amar é tum
tum incondicionalmente
é algo pra corpo e alma
fruto doce, insanamente

hoje, em amor formado
guardo algo adolescente
e procuro não ser achado
pra amar perdidamente

Infância dissílebrar

pipi, pipa, papa, **papai**
bola, lápis, pista, taco
saci, cipó, pote, teta,
rosca, café, ferro, rojão
gibi, bico, cobre, brejo
foca, cama, mama, **mamãe**

barco, cola, lama, **mana**
bomba, bala, laço, sonho
riso, zorra, rapa, pato
cuscuz, cuspe, pedra, dragão
tromba, bafo, fogo, goma
fome, medo, doma, **manos**

ontem, tempo, poti, **tias**
sagu, guru, rubi, bicho
dado, doce, sebo, bolo
caju, juba, baba, balão
jogo, gorro, rosa, sagui
tatu, tupi, piti, **tios**

tabu, bufa, favo, **vovó**
tacho, choro, roça, sapo
cuca, caco, colo, lona
drama, mapa, paço, sótão
gato, toca, carro, roda
elfo, fóssil, silvo, **vovô**

Um amor e uns goles de plágio

Eu bebo para lembrar um grande amor.

Eu bebo, lembro, esqueço, ciclicamente.

No esquecimento, revelo toda minha culpa.
Na lembrança escondo o que deixei de amar.

Não conjuguei esse verbo em tempo certo.
No pretérito, teria sido mais que perfeito.
Era um presente e hesitei: futuro imperfeito.

Ele chegou brisa, eu perseguia tempestades.
Deitou-se orvalho em relva, eu, inundações.
Cuspi na boca que eu comia!
Fiz da incompletude o meu maior castigo.
Feri com ferro que me feriria.

Abri mão de um grande amor e da poesia.
Arrebanhei palavras por coisas de não se amar.
Entrincheirei versos para lutarem contra mim.

Lembrar minhas estrofes arregança feridas.
Esquecê-las, ébrio, torna-me menos vazio.

Eu bebo, esqueço, lembro, ciclicamente.

"Eu bebo para esquecer meus poemas".

Ejaculação amorosa

Aplaca as minhas sedes de amor!
Conceda-me agora os primeiros,
de meus infinitos últimos desejos!

Ainda haverá tanta vida em mim,
quanto naquele anúncio carcomido,
e colado ao vigésimo sexto poste,
em que tu lês, embora inconsciente,
suas obsoletas e grandes vantagens!

Eu creio nos guardiães de meu berço,
na oitava estrofe de sua única cantiga,
de que os que nasceram para lastimar,
não conhecerão o menor de teus risos,
e, tampouco, os estalares de tua boca.

Sim, eu sou forjado na brasa da paixão,
e, humildemente, mais temente a Ícaro,
que a todo e qualquer insulso Galileu,
e por devoção, sina, vontade e direito,
exigirei teus sorrisos e toda a tua boca!

Eu anseio por afadigar a tal felicidade
para que assim e contigo, extenuada
deite-se conosco para todo o sempre

Amar, a ordem que importa

em noites febris de verão
acalorada, desnuda-se a Lua
e adentrando a janela do quarto
perfuma a rosa aberta no lençol
antes do ato, apenas um botão

o verão, a Lua, o quarto,
o lençol, e o botão

adentrando a noite, o botão
febril, desnuda-se sobre o lençol
e já em rosa, acalorada no quarto
perfuma o ato, e também a Lua
pela janela aberta, no verão

o botão, o lençol, o quarto,
a Lua, e o verão

Ame até perder sua cabeça

Era recíproco o amor dos louva-a-deus Manteodório e Mantearinha, em idade de acasalamento, no reino de Animalia. No entanto, temendo a sina de ser ceado em plena lua de mel, cerceou, o louva-a-deus, o caminho da juvenzinha mariposa, Lepidopterícia, na saída da sua aula de dança matinal. Posudo, esguio e convincente, conquistou-a de supetão, uma imago, recém-saída da fase crisálida. Abriu mão do amor que sentia por Mantearinha, afeiçãoou-se por Lepidopterícia, namorou-a e desposou-a, meses depois. Naquela noite nupcial, em algum canto, Mantearinha não se tornara viúva, nem assassina. A noite era muito fria, daquelas de congelar orvalho. Sequioso e predestinado, exauriu-se Manteodório sobre o corpinho colorido de Lepidopterícia, cobertos por uma e meia folhas secas de abacateiro. Não havia sobrado um tostão de calor naquele corpo verde (e pálido). A mariposinha então voou até o poste mais próximo e ficou "dando volta em volta da lâmpada pra se esquentar", como previra Adoniran, o Barbosa. Lá de baixo, Manteodório parecia rezar pelo calor de Lepidopterícia, de mãos postas e olhos arregalados e imóveis. E o recém casado Manteodório morreu ali, congelado. A mariposinha pouco se importou, porque lhe havia calor no poste para as noites frias. Dizem que no céu da bicharada, há inúmeros louva-a-deus com as cabeças comidas e felizes. No inferno, porém, existe apenas Manteodório, inteiro, mas ainda de olhos esbugalhados e triste. Por aqui, Mantearinha muito lastimou sua perda e questionou: por que hesitar em perder a cabeça por alguém que se ama?

Serei a sereia

Serei

Sereia

Serei a sereia que habita a tua fantasia

Serei a voz de teus desejos imersíveis

Serei a cantiga líquida de tua alma

Serei a ilha de amor em mar aberto

Serei a flor em concha no rochedo

Serei a lara que vivia dentro de Bilac

Serei a sereia que habita as tuas águas

Sereia

Serei

Autobiorretratografia

nasci um credor da vida
por um nono adiantado
pra gozar mais no final
esse mês está guardado

por circunflexo deposto
forjaram-me desregrado
e por destino, o menino,
viu-se em livros atirado

cresci revendo sentidos
questionador inveterado
em linhas de ida e vinda
leitor assaz tresloucado

em poemas senti brilho
nem ao ouro comparado
nas palavras vi espaços
de encanto a ser botado

do cabeção pelos dedos
meu recado é partejado
mas a boca eu preservei
pra xingar e ser beijado

enfim, já fui menos feio
e por moço fui chamado
hoje estou mais espesso
embaraço ao ser tragado

Poema disponível em meu blog pessoal: <https://antoniobocadelama.blogspot.com/>

Dalgum inebriado

ora prazer de aliviar a dor
inebriante, esse meu vício
tão doce, como precipício
de me arremessar, voador

e a dor soçobrará o prazer
em lápide, eu já desconfio
beba em paz, meu epitáfio
mas só beberei até morrer

então envase, vivo sofredor
dependente do que esvazio
de copo, copinho e copázio

tênue fio entre deleite e dor
meu vício é assim um vazio
um vazio de esconder vazio

O nauta de penico que sonhava

Eu naveguei pelos confins desse mundo, comendo os farelos dos pães que um sujeitinho mal-acabado e chifrudo houvera sovado. A minha nau não passava de um penico velho, enferrujado, furado e sem alça, com uma vela, ínfima, e de pano roto. Sem leme, estive por anos à deriva, ao léu dos dissabores: de todos eles. A água era tão pardacenta e lamosa que causava asco até às ondas, cujas cristas mais lembravam um espesso vômito que espuma. Os peixes ? e eu assim os denominava por mera nostalgia ? causavam um espetáculo estrondoso de putrefação e escamas retorcidas. Sentia-me ali como o que se haveria de sentir ali, se houvesse uma consciência de merda, mas com uma bagagem pesada demais para boiar ? como boiam tipicamente os dejetos em penicos. No ápice dessa jornada nefasta, eu estava convencido de que os albatrozes haviam lançado sorte sobre a minha surrada e impregnada cueca. Era certo que a metade do sentido da vida houvera sido perdida, naquele amarfanhado estágio. Então, agarrei-me de unhas compridas e de resto de dentes ao pouco que ainda me sobrava: os meus sonhos. Naquele pesadelo de vida desperta, qualquer sonho mau era bom demais. Sonhando, eu nunca perdi a outra metade do sentido, que era a melhor delas, nem mesmo para o mais tinoso dos padeiros.

O jardim de um só botão

com a brejeirice de flores do campo
e a suntuosidade de uma rosa rainha
ela carregava consigo as primaveras

embora tivesse um ímpeto de galinha
eu não passava dum pombo arrulhento
arrastando por ela minhas jovens asas

desejava o cálice e as pétalas macias
e corria por ela os meus pensamentos
mas só alcancei-a na terra de Morfeu

cerrei os olhos, então, para meu delito
e tal como se lhe roubasse um beijo
tomei-lhe um botão, em ousado gesto

e eu teria posado ali para um mármore
como o Paolo e a Francesca, do Rodin
mas ela voltou com jabuticabas abertas

desfez o meu tempo no ápice do desejo
e eu só lembro do *high-five* nas estrelas
ao voltar de Las Leñas, por Marrakech

jamais reclamou o seu botão apanhado
na aquiescência, fiz com ele um jardim
regado com silêncio de não desabrochar

A lousa e o giz

sonhei que eu era uma lousa
e ela, um toco de giz animado
e como um pião e sem *collant*
fazia sobre mim o seu bailado

rond de jambe, pelas bordas
deixando o carinho desenhado
a la seconde, devant e derrière
pra me escrever algum recado

e ainda que o fizesse *en pointe*
o seu corpo findou desgastado
então, por perdê-la, eu acordei
de súbito, choroso e assustado

mas eu sorri, assim que me vi
com corações por todo o lado
e de es, us, tês, as, emes e os
dos pés à cabeça rabiscado

O incompreensível e inaceitável prazer em plagiar

O prazer no plágio é algo que me intriga,
não sei se é ousadia ou se é ingenuidade,
ser aclamado por algo que não escreveu
ser lido e comentado por algo que não é seu!
Será que para por aqui ou isso se estende?
Será que se satisfaz com o prato que não comeu?
Será que embesbeia com algo que nem bebeu?
Será que faz sexo com alguém que nem [...]?
Convenhamos, é preciso ter muita cara de pau!
Os botões de denúncia estão junto de cada poema,
ou será que servem apenas para lembrar o delito?
Os plagiadores se valem de nossa inocência,
será que também contam com nossa cumplicidade?
Ctrl C no poema e Ctrl V em ferramenta de busca
e tcham-tcham-tcham: cai a casa de mais um "poeta"!
Usar uma rima ou um verso entre aspas: isso até pode,
mas publicar uma obra inteira fingindo ser sua...
Não sei se é ousadia ou se é ingenuidade!

-- esse texto foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 04/07/23 --

Meus Antonios-líricos

dentre as razões de meus versos
está a de me ler mais um pouco
a mim e aos meus outros tantos
de vozes que acabo endossando
às quais eu empresto meu nome
e nem sei se os conheço de fato

é que alguns de mim são quietos
escondidos no reverso das linhas
doutros, que bramam nos versos
só se ouvem seus dedos em riste
e do Antonio que vive sonhando
só se consegue saber certa parte

há aquele que sempre incomoda
e tem palhaços que me divertem
confesso: já houve até natimorto
mais finito que o ousar desejasse
mas quase todos gozam as vidas
ainda que nem se saiba o porquê

tem um ali, espalhado no quintal
rememorando a infância fagueira
outro pelado, de crespos pra Lua
mostrando sua natureza mais crua
e contrapondo o tal dos andrajos
tem até, em linho, o noturno galã

Antonio é medonho ou é bonito
depende da cor do olho que o lê
tem Antonio envolto em fumaça
e nem com a tal Luz-ciana se vê
e às vezes tem algum defecando

oras, e como haveria de não ter?

tem Antonio que dança de tudo
a quem eu dedico toda a estrofe
rock, valsa ou bolero, não cansa
só deixa a pista pra secar o copo
que com tanta ternura eu lhe sirvo
só pra brindar nossa semelhança

além daquele abolido circunflexo
são inevitáveis pontos em comum
entre os endemonizados e santos
somos todos muito apaixonados
e buscamos manter um equilíbrio
entre as tantas virtudes e defeitos

mas só sei de Antonio de verdade
não admitiria Antonio de mentira
e cada Antonio é parte dum todo
não há, então, Antonio completo
e tem Antonio que ainda não veio
mas, aqui, existe lugar para todos

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal
(<https://antoniobocadelama.blogspot.com/2023/07/meus-antonios-liricos.html#more>) em 05/07/23 --

Prece ao verso

**Oh poderoso verso,
átomo de todo poema
e Senhor de todas as frases,
Tu que tens o poder Barrosiano,
de "renovar o homem usando borboletas",
renova-o,
e o faça em toda a face da Terra!
Conceda-lhe a graça da metamorfose:
acasule-o em candura,
e dá-lhe sentido mais colorido e pleno!
Amém!**

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 7/7/23 --

O tempo de ensacar céu azul

**já usei miçangas em volta do pescoço
agora, tenho ali apenas rugas e contas
e estas me sufocam: são todas de pagar
e trabalho duro pra manter tudo em dia
e dou prejuízo até se eu parar pra cagar
entre tantos "es", desacreditei da loteria
e teria que nascer outras e várias vezes
e apostar sempre, a cada novo concurso
probabilidade usurpou minha esperança
e apostar é coisa que eu já nem lembro
a lembrança é povoada só dos relógios
que trazem as horas que me perseguem
eu queria mais tempo pra perder tempo
o tempo repleto de tempo numa infância
o da eternidade entre um e o outro Natal
aquele da infinita espera de aniversários
que hoje se acumulam, decrescivamente
queria mais tempo pra coisas da inocência
pra disputar trava-língua com grilos gagos
e pra colecionar aranhas mancadas, de novo
queria mais tempo pra lidar com a poesia
tempo que é de ensacar manhãs de céu azul
pra dar outra cor às tardes que se acinzentam**

**-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>)
em 9/7/23 --**

... mas passou, como tudo passa

era ainda tão rebento
que nem brotara em seu campo santo
qualquer jazigo de tempo morto
era ainda tão pequeno
que tudo lhe parecia ser tamanho oceano
naquele barquinho do colo de papai
era ainda tão livre
que tinha autonomia pra sujar seu pano
e decidir sobre as leis de retorno
era ainda tão santo
que não havia considerado qualquer oração
e nem salpicar pragas nas paredes
era ainda tão sem dor
que lhe bastava um beijinho de mamãe
pra deslembrar do cordão que se rompera
era ainda tão começo
tão prelúdio, tão primórdio, tão princípio
que nem parecia ter fim...

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 11/7/23 --

Úbere celestial

creio existir um mamífero supremo
não desmamado para todo o sempre
que em sua una e infinita elegância
traje a mais secular das vestimentas
que enche de luz viva o seu âmago
e o mantém misturado à escuridão
pra que caminhe em espiral segredo
e ascenda às sagradas tetas celestiais
de onde verte, intensa, a Via Láctea
e as chuche, divina e diuturnamente
até que se farte e até que lhe escorra
nos tão distantes cantos da sua boca,
sim, eu creio!

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 12/7/23 --

Debaixo do caracol dos caracóis dos teus cabelos

eu abri mão das asas e patas
enfim, amputei minha pressa
e vim chegando de mansinho
espessando-me pelo caminho
trazendo a casa nas costas
que é pra nem ter que voltar

perdoa-me pela lambança
debaixo de mim, essa gosma
em sinal de lesma, é aliança
é pra declarar o meu carinho
é como o salivar dum desejo
encaracolado jeito de beijar

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 14/7/23 --

Por isso eu floresço em versos

eu gozei tardes inteiras de verão
deitado com zínias, vincas e petúnias
delicieimei-me com cattleyas no outono
com prímulas e com amores perfeitos
e em ensolaradas manhãs de inverno
trepei em mulungus, ipês e manacás

tive relações intensas com meu jardim
mas elas pouco acrescentaram em mim
além das bolhas de picadas de insetos

eu continuo sem graça, o ano inteiro
pois não pari de mim qualquer botão
quando, no fundo, o meu maior desejo
é ter minha pele todinha brotada em flor
só pra trazer em mim a tua primavera

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 18/7/23 --

O tempo em meu jardim

o jardim de minha aurora é lugar de se inventar
na areia tem um oceano, e tampinhas a navegar
das pedrinhas fiz baleias, muito fáceis de avistar
e os caracóis são icebergs, que lesmeiam devagar

maquinei conter o tempo e o eu menino conservar
ordenhei saudade densa, em grãos difíceis de escoar
reuni-os em duas garrafas, com jeito para não vazar
assim fiz uma ampulheta, e joguei nesse meu mar

o tempo bom da meninice, que eu consegui segurar
mantenho assim subvertido, impedido de disparar
ele até persegue lesmas, mas sem nunca as alcançar
um dia leva mais que um ano, nesse modo de passar

a boiar naquelas águas, quero esse tempo eternizar
mas se ele, traiçoeiro, desampulhetado se tornar
o menino bem maduro tenderá a não mais brincar
restará então ao seu corpo, naquela areia adentrar

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 19/7/23 --

Soneto do amigo (de Vinícius de Moraes)

Enfim, depois de tanto erro passado
Tantas retaliações, tanto perigo
Eis que ressurgue noutro o velho amigo
Nunca perdido, sempre reencontrado.

É bom sentá-lo novamente ao lado
Com olhos que contêm o olhar antigo
Sempre comigo um pouco atribulado
E como sempre singular comigo.

Um bicho igual a mim, simples e humano
Sabendo se mover e comover
E a disfarçar com o meu próprio engano.

O amigo: um ser que a vida não explica
Que só se vai ao ver outro nascer
E o espelho de minha alma multiplica...
(Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moraes)

Mãe

Mãe, tenho ainda pétalas de teus lábios
roçadas às primeiras pequenas maçãs
de minhas angelicais bochechas.

Mãe, eu eternizei a maciez de tuas mãos
elegantes, de dedos longos, finos e graciosos
no toque da primogênita rosada pele.

Mãe, o cheiro doce e suave de teus seios
era arco-íris no verde céu de teus olhos:
o mais puro e farto sinal de nossa aliança.

Mãe, eu rememoro em cada entardecer
aquela tua magistral e una sinfonia de ninar
pra me reconduzir aos sonhos originais.

Mãe, eu te confesso: é do suor sagrado
de tuas tantas e tantas n-ésimas jornadas
que consiste a minha pia mais benta!

Mãe, eu chorei e sorri ao te escrever!

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em
21/7/23 --

Sonetarizando: I

receio andar desinspirado
e sem poder contar comigo
por malogro, como castigo
ser de meus versos exilado

não gosto do sair de linha
do rótulo da obsolescência
do padecer em decadência
e do existir de mentirinha

compor não é passatempo
mas descrição com ousadia
dessa visão que trespassa

antes findasse meu tempo
que ser um cego de poesia
e só conseguir ver carcaça

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 10/5/23 --

A leveza da nossa valsa

à meia-luz eu sou tão sabidamente meu
que me permito ser completamente teu
e quando me aproximo pra essa entrega
minha mão esquerda ergue a tua direita
consolidando o teu congênito estrelato

a música transcende do palco iluminado
atirada, num laço de pura magia e notas
que nos envolve e nos coloca pra dançar
e de nossos passos, um remoinho fluído
vassoura da pista mágoas e sofrimentos

defenestramos dali toda falta de beleza
e mesmo com tudo posto em azul e mel
não cessa em torno de ti o meu rodopio
pra prestar socorro à tua pequena boca
na qual sinto urgir, a partilha do batom

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em
25/7/23 --

Fim e início em azul

ao me despir de todo o resto
do meu suspiro de despedida
hei de arrancar ainda um fôlego
que é pra num último mergulho
alcançar o fundo dos seus olhos
onde se espreguiçam, decantados
os mais belos luares já mirados

e imersa, naquele azul desmedido
erguer ali a minha celeste morada
a definitiva, sem portas ou janelas
somente a nossa mesa de domingo
e a lembrança dos rebentos no colo
contando borbulhas de amor e riso
in saecula saeculorum

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 1/8/23 --

Um amor que transcende

eu te amo
desde muito antes desse
ou de qualquer outro poema
eu te amo
e cada palavra já dita
em silêncio e aos berros
em sorrisos e aos prantos
é como uma célebre nota
dum cântico tão doce e bonito
que se esparrama no tempo
no escuro do nosso quarto
e na luz de cada amanhecer
no frio e em tanto calor
que nos funde
e confunde a própria história
transcendendo-a, muito além
sem medida e sem idade
como a essência do eterno
como se estrela maior houvesse
na constelação dos sentimentos
do universo das chamas indeléveis
que está posto lá desde antes
de qualquer verso
eu te amo

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 17/8/23 --

Um viciado em oração

minha lucidez anda alucinada
eu padeço em constante delíto
o delíto é a minha condenação
não preciso doutro julgamento
nem morrer por apedrejamento
eu já fumei pedras bem piores
não queria mais precisar tanto
desaprendi meu suplicamento
e receio já não ter mais crédito
pudera, cri em deuses fugazes
voláteis, covardes e traiçoeiros
como as asas que me alugaram
asas de voos de galinhas cegas
tornei-me ateu dessas criaturas
mas não esqueci os seus cultos
estou extenuado de tanto tombo
das quedas livres sem liberdade
não parece ter fim esse abismo
já ouço algum ranger de dentes
daqui, meu orar soaria profano
rogai por mim todos os crentes

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 10/5/23 --

Entre-linhas

com linha eu nasci
mas assim que chorei
aquela linha cortei

com linha brinquei
mas no jogo dancei
pois em linha pisei

muita linha eu dei
mas em cerol cruzei
e minha linha meei

em linha eu ergui
mas eu desaprumei
e da linha eu tirei

com linha eu cosi
mas nó eu não dei
e a linha eu soltei

uma linha eu tirei
mas me intimidei
e a linha eu perdi

em linha cresci
mas eu envelheci
e de linha eu saí

na linha eu andei
mas ousado fiquei
e da linha eu saí

muitas linhas eu li

e por fim aprendi
e em linhas versei

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em
10/5/23 --

Jardim de colírios

hoje eu amanheci saudoso
relendo uns certos poemas
como flores de papel e tinta

e deliciado, naquele jardim
extraí dos versos em pétalas
o mais sofisticado dos olores

as emanações mais agradáveis
do lado recôndito das palavras
que só os poetas ousam revelar

e então perfumei o meu sorriso
renovei o brilho dos meus olhos
e dei mais encanto ao meu dia

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em
25/8/23 --

Pressa de colorir

olhando as orquídeas florescerem antes
tornando mais bonito o inverno do Sul
lembrei-me dos tempos que era criança
e da pressa gostosa de colorir que tinha
quando de presente num estojo vinham
doze novíssimos e festivos lápis de cor

e embalado nessa dulcíssima memória
do perfume dos graciosos traços pueris
então a tal meninice aborda o ora poeta
indagando-lhe com tamanha autoridade
se não trariam beleza ao mundo adulto
seus tantos versos ainda em puberdade

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em
31/08/23 --

Dá-me um raio quelonizante!

**Oh amabilíssimo Deus
das humildes criaturinhas
elevo-te essa minha prece
e espero que ela atravesse
essa nevoaça tão espessa
que oculta tua divina face
ruborizada pela vergonha
da gente que em teu nome
mente, oprime e mata**

**eu que não recebi a graça
de alçar, às nuvens, a cara
imploro-te, pelo meu rogo
o dom de um bicho quelônio
e dotado de dura carapaça
poder imergir da desgraça
e não sucumbir esmagado
por esse rabudo rebanho
de um gado desatinado**

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 26/09/23 --

Olhar de adubo

hei de aprender da folha caída
o seu magnífico olhar de adubo
que suscita renovação da queda
que exala a esperança na morte
e que representa o ciclo da vida

e pra mitigar qualquer comoção
no meu mais estático espetáculo
externarei esse olhar fertilizante
aos teus belos olhos azul-cianos
que os meus já não mais verão

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em
27/09/23 --

Hálito de divindade

eu adoro aspirar o perfume
do lençol de neve de flores
que minhas laranjeiras cobre
o fim dos invernos marcando

é como abarrotar os pulmões
do mais fresco hálito de Deus
ou duma outra boa divindade
em sua matinal boquejada

do elã vital, é ponta dispersa
é gota duma fonte de candura
halo branco olorado no tempo
um sopro de fixar primaveras

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em
28/09/23 --

Varanda do silêncio das palavras

na varanda do silêncio das palavras
adormecidas nos embalos das redes
ouvindo o murmúrio da saliva do rio
com as lágrimas do salgueiro-chorão
e o toque da brisa no seio do relvado
provocando os frenesis multiverdes
palco aberto do concerto das almas
que tocam as verdades em harmonia
que envolvem e sorriem os corações
primeiro eles, órgãos da serenidade
depois os poetas, órgãos dos órgãos
que ali encontram a paz e as paletas
e as infinitas páginas castas, brancas
pra comporem o seu bonito universo
com as vozes interiores que os guiam
na varanda do silêncio das palavras...

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 30/09/23 --

Saltos da chuva

é meu jeito de prestar honras
crer nas nuvens como fossem
circundadas por trampolins
de onde as chuvas não caem
tão insossas, e simplesmente
mas que cada um dos pingos
no ápice do seu vigor físico
de corpo completo e perfeito
lança-se em derradeira beleza
num salto ornamental distante

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 06/10/23 --

O amor de coisas que murcham

os ramalhetes, tão ternos e orvalhados
reunidos nas manhãs do mês de maio
perdem o viço após o segundo domingo
quando oferecidos por amor àquelas mães
que os aguam felizes nos vasos das salas

as rosas colhidas nas tardes de agosto
que tanto alegram os meus e outros olhos
ainda que regadas com lágrimas paternas de amor
perdem depois, de si, todo e qualquer frescor

o conjunto de flores das fúnebres coroas
desperdiçado, ao olhar que já nem mais está lá
resseca serenado antes do amado plantado defunto

e a pétala dos amantes, entre as folhas dos livros
guarda úmidos beijos, emurchecida, como se fala

é que flor de amor, molhada, murcha, como o falo

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 07/10/23 --

Risos versus correntes de lágrimas

lágrimas de dor não secam
não evaporam, nem param
elas se ajuntam num grotão
e ali fluem turbulentamente
arrastando nossa esperança
dissipando qualquer sonho
atropelando toda referência
sobrepujando a nossa força
por um manto de incertezas
sombrio, cansativo e mortal

mas, para a nossa sobrevida
os risos também não cessam
não descoram, nem ofuscam
elevam-se, tão leves e puros
fundando no azul outros sóis
fazendo ver o amor vitorioso
e no alumiar dessa densa luz
o tão agitado e medonho vale
é só poça pisada no caminho
pois a jornada é um presente

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 09/10/23 --

Olhos da minha musa

teu olhar descerrou a porta da minha estupidez
arrancando-a, tal inquilina, em ação de despejo
tão intrepidamente como um semiprateado raio
que sabe troar, mas me chama rouco e baixinho
da superfície singular das tuas preciosas gemas
que trazem e confundem em si o verde e o azul
mas harmonizam todo o resto das minhas cores
num renovado espaço, amplo, de sensibilidades
em que eu me rabisco feliz segurando a tua mão
desde que éramos ali duas bolinhas e dez traços
tão básicos, como desenhos rupestres na parede
que evoluem numa história repleta de encantos

em teu olhar eu encontro a paz da minha poesia
estímulo dos versos que vou deixando no tempo
postos, como *icebergs* da minha colossal alegria
em valsa - melodia suave e circular das palavras

nas tuas preciosas gemas eu me espelho inteiro
reflexo dum amor eterno, sublime e verdadeiro

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 10/10/23 --

Eu aprecio os detalhes

não há plenitude no amor que despreza
o beijo relâmpago dos pedaços de bocas
e o coraçõzinho no vidro suado do banheiro

eu não sirvo pra fazer pouco caso das sutilezas

águas pesadas de março apenas fecham verões:
são incapazes de fluir nas manhãs de setembro
mas as rolhas leves de cortiça dos espumantes
podem subir num ano e descer no outro

há mais liberdade nos encarceramentos
das diminutas formigas num açucareiro
do que naquela gigantesca estátua verde
cravada na ilha Liberty, em Nova Iorque

os pequenos pios de pintainhos amarelos
quebram o mais descomunal dos silêncios
e a centopeia é provavelmente mais lenta
que o Saci-Pererê com gorro e cachimbo

é que pé de mais nem sempre ajuda
eu peço bem menos, e sou mais completo

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 11/10/23 --

Venerado ventre (repostado)

Maria, mulher do dia a dia
guardiã da vida humana
sagrada é a tua entranha
fonte de todas as costelas
de cada Adão e cada Eva
de toda e qualquer Maria
meninas, moças, senhoras
impiíssimas e beatíssimas
Aparecidas ou escondidas
perdidas ou que se acham
analfabetas e as literatas
Claras ou em outros tons
da Glória, de suas gentes
da Graça, de seus sorrisos
de Fátima ou das favelas
Joões, Josés e Antonietas
Marias de outras Marias
das Dores, de seus partos
por todos rebentos tortos
por vê-los dependurados
de coração transpassado
Marias, com nome Maria
e das Marias por vocação

Ele era um poeta

ele nasceu do falecimento da feiura

ele via na pétala estirada no canteiro
vívida, a memória da plenitude da flor
ele enxergava, nas manhãs de segunda
nos desenhos da mucina seca do muro
as lembranças felizes do caracolzinho
no seu demorado passeio do domingo
ele guardava muitas crisálidas vazias
alcançadas à beira dos seus caminhos
pra beber delas o sonho de borboletas
ele ostentava os seus chinelos gastos
como troféus das distâncias que tinha

era poeta, e não morreria de belezas

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 16/10/23 --

Não "acordem" o menino!

lá vem o menino, atrás de seus sonhos
no caminho de lápis, traçado no papel
traz um sorriso doce de dentes de leite
e peitinho estufado de suas esperanças

nos olhos, um céu povoado de estrelas
irradiando luz em seu mundo fantástico
onde navega, capitão de barco dobrado
e ainda não conhece qualquer incerteza

em sua inocência ele modela o amanhã
e talvez seja astronauta, no dia seguinte
ontem, ele já era explorador destemido
de capa imaginária enfrentando dragões

não tem receio: ele sabe que renasceria
do ventre dilatado de seus sonhos puros
mas seria cruento o despertar prematuro
pois são da infância os tesouros seguros

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 19/10/23 ?

O toque da canção doutros sentidos

desrazões habitam o interior do silêncio
uma dimensão oculta na sombra do som
onde o nada desperta, o real cai em ócio,
e o tempo se desmonta em luzes de neon

dissipam-se ruídos como bolhas de sabão
cedendo seus espaços a um mar profundo
em que as ondas se elevam da imaginação
e cada ser oceânico é um sonho do mundo

lá, das estrelas fluem brilhos mais contidos
e só a Lua se mantém - farol afônico que é
para aqueles que só sabem tocar de ouvido

a mente esparge-se nesse universo sorvido
é doce, lisa e tinta a escala sem dó, si ou ré
é surreal o toque da canção desses sentidos

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 24/10/23 --

Fé

aquele santo pobre diabo tão desfalecido
de cá, parecia prego alijado à luz poente
arqueando-se no topo do pequeno monte
como se pra quadro mal pintado posasse

feições carregadas, enfeando o horizonte
extenuação enrugando as veias da fronte
cabelo ensebado, como um prato cuspidor
pela vida que se atulhava de suas chagas

não ousava qualquer oração desde moço
mas tocou o chão, com joelho de condão
e dali se difundiu um sismo de comoção
teria crido em algo, além do sofrimento?

de lá, olhou pro mundo com esperanças
de súbito, indigestou-se dele a vida ruim
amou sua esposa até desaprender da dor
e os filhos conheceram o seu riso, enfim

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 25/10/23 --

Pausa para um haiku

flácido momento
recompondo envergadura
dura, mole, dura

-- esse haikai foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 27/10/23 --

Nau de poetas em mar de tapados

as palavras carecem de sentidos
que só os poetas lhes podem dar
não à toa, nos porões de sua nau
jamais eles cessam seu trabalhar

na procura do aspecto encoberto
sofrem com perigos em alto-mar
e são alvos fáceis da vil pirataria
praga corriqueira no seu navegar

por sorte, todo corsário é tapado
castrado e insensível ao versejar
faz bagunça e até toca na poesia
mas nem sabe o que dela roubar

o bronco nem percebe as formas
o tapa-olho restringe o seu olhar
vê apenas as cascas das palavras
que os poetas costumam rejeitar

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 28/10/23 --

Cravinas com cebolinha

eu agradeço, ter sido deixada
esguia, apetalada e toda *green*
nessa terrinha, tão perfumada
de cravinas, veludo carmesim

pouco importa se fui plantada
antes ou elas em torno de mim
vale mesmo é ter sido adotada
sem preconceitos, pelo jardim

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 29/10/23 --

Octogésima nona e una constelação

há tempo sou perseguido pelo céu
que eructa, das nuvens caliginosas
o seu infinito queixume enciumado
por seu manto, que diz incompleto

que descomunal prova de egoísmo:
brado à pequena estrela reclamada!

e ela aquiesce, toda resplandecente
luz que abdicou ao cintilar cósmico
pra ser a chama do meu firmamento
sozinha, a constelação que me basta

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 30/10/23 --

Roupeiro de lembranças

deve sofrer de disposofobia, coitado:
prejulgam-me uns pobres de história!
de fato, eu guardo muitas lembranças
num roupeiro envernizado de imbuia
que já ocupa um quarto da memória

certa parte está disposta em cabides
tal camisas, que só no peito apertam
tecidas na doce infância e mocidade
como os bordados em panos da vida
resguardados ali das traças da idade

recordações revivíveis a todo tempo
por perfumes, por cores ou por sons
ecos perenes e silêncios do passado
momentos não apagados pelos anos
retratos fixados ao fundo das portas

ali só os segredos se desmantelaram
nos fundos falsos de cada gavetinha
desassegredados ou então reduzidos
a um pó fininho, um tipo de farinha
da qual hoje o meu riso empanzina

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 31/10/23 --

Não é uma paz qualquer...

... essa paz que eu tanto respiro
é de encher os pulmões da minh'alma
é pra lhe abastecer de autonomia
deixar que ela fuja ao meu corpo
com condições de a ele voltar

é pura, é alvissareira, é canônica

é de ensinar casulo aos bebezinhos sabiás
- casulo que é o canto de crescer da borboleta
é como as águas suadas, incansáveis e frias,
dos rios sinuosos que correm apressados
é de entreter o tempo pra atrasar o fim

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 01/11/23 --

O finado poeta

saí de casa como noutros dias
levando a certeza do regresso
agarrada ao molho de chaves
no bolso externo da mochila
mas não era esse "o tal plano"
que urdia há dezenas de anos
quando tinha mãos quentinhas
a vida, ali daqueles segundos
das coisas que apenas têm ida
tempo do trem de lembranças
de tantos amores desprezados
dos olhares incompreendidos
dos beijos demasiado rápidos
das frases presas na garganta
e nos meus bloquinhos de notas
com tantos poemas começados...
e o peito doeu forte e infinitamente
a angústia de não os ter completado
e às minhas sobras ainda vermelhas
quando o lembrar já me havia partido
a espessa primeira lágrima póstuma
eu devo ter, por fim, ali misturado
naquela bonita manhã de noite
feita de asfalto e ferragens

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 03/11/23 --

Renascendo da poesia

permita-te fazer o retorno
ao teu tempo não contado
e embrenha o útero etéreo
duma poesia cheia de viço

abriga-te nele, tal embrião
por nove épocas de sonho
sorve, gira, e faça piruetas
até se por de ponta cabeça
e renascer da sensibilidade
fundido à alma dos poetas
isento da feiura que sabias
leve, pra 'voar fora da asa'

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 06/11/23 --

Em ti eu sacio essa fome

ao te exhibires pra mim, terrena
não eras o único anjo em cena:
eu vi a falange que te conduzia

representações aladas dum luz
que tão primaveral me envolvia
nos tons da abóbada de outubro
da manhã do décimo oitavo dia

eras tal como retrato do paraíso
versificado em suprema plêiade
silo e seara das minhas alegrias
lugar de delícias e fecundidade

no teu bojo, trazias as sementes
na pele, as plantadas, iminentes
que sempre colhi, todo apetente

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 09/11/23 --

Trindade poética

as cãs, a crina e as nuvens
o poeta e o seu cavalo branco alado
no âmbito das aves de dois traços
imiscuindo-se em clássicos tons
de algodões sujos da maquiagem
duma face gris pálida divina e vívida
que gozam juntas a liberdade das idas
para as suas tão longínquas viagens
e escrevem as razões para as voltas
porque nem sempre são chamadas
porque quase nunca são admiradas
porque elas são incompreendidas,
invariavelmente ? ou quase assim
tal como a sombra difusa que deitam
e que lambe sequiosa dos mares e rios
cada uma de suas excitantes borbulhas
até que ali se fundam, em tal fluidez
o sonhador, a loucura e a imensidão

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 15/11/23 --

Bota fé nesse bote!

entrega-te àquele amor
que se enrosca ao coração
e que o envolve apertado
feito uma famélica serpente
que chega bem de mansinho
ou chacoalhando o seu guizo
com olhar estonteante e fixo
de cujas presas verta intensa
uma doce e inoculante seiva
que se espalhe feito peçonha
entre duas línguas, dividida
irrigando as paredes do céu
da tua tão desatinada boca
como se líquida fosse a paz
e esse bote, o tal raio caído
que em ti não se repetirá

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 20/11/23 --

+CEUXXYYYYZZZZ

se tivesses o número de Deus
em qual momento tu ligarias?
ousarias importuná-IO à noite
ou só na luz do Sol o farias?

menos de dez microssegundos
o tempo que cada humano teria
pois solícito, como sempre foi
até os descrentes Ele escutaria

mas que fazer com tão pouco?
quais expressões tu escolherias?
um pedido geralmente é longo
e um obrigado, quanto duraria?

praticando desde a tenra idade
a gerir o ínfimo, aprender-se-ia
em códigos ou formando frases
das sílabas faladas dia após dia

ah se houvesse um tal processo
a Sua voz divina me acalmaria
e se sem limites Ele me ligasse
quão feliz, então, eu reagiria?

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 21/11/23 --

I'd like to be stuck to your best dream

cerra-me em teu melhor sonho
naquele em que até borboletas
voam sustentadas em gemidos
e camuflam-se de teus prazeres
melodias e matizes de paraíso

cerra-me, por todas suas partes
deixa que eu me alastre orvalho
na marcha de suas madrugadas
em teu fecundo estado de relva
sequiosa, aveludada e ouriçada

cerra-me em suas profundezas
quero imergir teu desarrasoado
tímido, temporal ou infundável
no negativo das tuas pálpebras
e pertencer ao recôndito desejo

cerra-me, poupa-me da partida
usa todos os teus santos beijos
ou então me cubra de cuspidas
que é pra eu me sentir grudado
tal cromo, completando álbum

cerra-me em teu melhor sonho
I'd like to get stuck in it forever

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 22/11/23 --

Certas incertezas

não quero repetir os meus aplaudidos versos
só pra eu ter a certeza de agradar novamente
desaprendi cedo as contas de calcular o risco
estudo a órbita ocular em razão de desprezos
e sei dos risos randômicos toda a intensidade

eu declinei da ânsia de ser sempre absorvido
não me apraz escrever coisas líquidas demais
que acabem sendo tomadas em algum engano
assim eu me mantenho espesso e encaroçado
embora me apresente farto, como leite à cria

eu preservo o i e o ene de algumas incertezas
estou desinteressado das quantas vezes ainda
hei de ver nos ponteiros o meu último ângulo
não abro mão de guardar, e bem embrulhado
o pacote frio da certeza que recebi, nascendo

de fato, não quero nada adiantado, nem beijo
nem uivo ou gemidos por um gozo ensacado
tampouco lágrimas por coisa não consumada
(não é certo que aqui tivesse mais um verso)
o privilégio de certas dúvidas soa feito graça

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 24/11/23 --

Isso é apenas mais um convite

depois que essas pequenas pupilas
tomarem para si os meus castanhos
bebendo deles todo o mel que havia
pensar, eu creio que não mais pense

havendo um resquício de celeridade
correrei atrás da sobra das emoções
convergindo para a tal letargia plena
o estado de indiferença às tuas ações
apelos, anseios, chamados e desejos

eu não mais voverei essa cabeça ida
não escutarei tuas decoradas orações:
espero que até lá já tenhas aprendido
que eu era insensível às frases feitas!

não contabilizarei mais os teus *likes*
nem surtirão qualquer efeito em mim
comentários postumizados nos *posts*
cancelem todas as proteladas visitas:
eu não autorizarei inscrições no *blog*

toma-me para ti no calor das palavras
toma-me, faça-o antes dessas pupilas:
deve ser demasiadamente opaco e frio
o poema escrito por mãos congeladas

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em
25/11/23 --

Cântaro de conflitos criados

eu carrego dores imensas
que jamais me libertarão
e felicidades moribundas
a poucos palmos do chão
e mesmo assim, elevo-me
e do píncaro dos lamentos
donde se partem as almas
desmanteladas aos ventos
pra depois achar sentidos
eu vou largando palavras
é que de amores já enchi
vários potes de universos
juntados da batalha cruel
entre meus males e o mel
em desordenada harmonia
não há qualquer falsidade
só as gestações de versos
que, pra calçar, rebentam
algumas verdades meias
nos pés doutra realidade

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 21/12/23 --

Botões de tempo

a flor nascida das horas
traz nas pétalas o tempo
de perfume desacanhado
que enche e logo esvazia
dos coloridos deslizantes
que os olhos não agarram
e lépidos pés aveludados
que notar pouco sabemos
e incapacitados de retê-la
segundo de flor qualquer
um zás de sua primavera
e pô-la em vaso diminuto
assim choramos perdê-la
vê-la, por suposto, jazida
desperdiçada, num jardim
donde procede, incessante
o quase instantâneo botão
desmerecida oportunidade
de seu ciclo infinito e belo

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com>) em 04/01/24 --

Pecado sonhado não é pecado

tenha-me um pecado de natureza noturna
e me pratica na contramão invisível do dia
ocultado nas dobras do teu subconsciente
ecoando em suspiros o meu proibido nome

não me erga como se vítima dum pesadelo
escapando pelada dalgum sonho carneiro
tampouco, tal um fantasma que te persiga
um mal à espreita do teu sangue fadigado

nem herói nem vilão em qualquer dimensão
somente uma sombra, urdida em tua noite
afrouxando nó entre realidade e fantasias
bailando misteriosa entre certo e errados

enigmática, intrépida e marcante presença
indissipável, em teus despertares abruptos
sublime forma de alimentar teus mistérios
um prazer indelével no abissal do teu sono

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 18/01/24 --

Minha alvorada de doçura

segregado de fértil nectário
e vertido de sublime entranha
espargi-me mel da madrugada
secreto, sedutor e inesgotável
com sabor, com olor e com voz

um hálito de flor de laranjeira
com traços de maçãs maduras
emanava de minha boca amora
entreaberta, entre cada verso
da suave canção que eu entoava
as notas com toque de pêssego
e fatias do auge de primaveras
desintimidando os raios de sol
pra nova doce festiva alvorada

e eu fluía ali tal um pouco de ti
numa manhã. encantando a mim

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 21/01/24 --

Ele era um poeta – Parte II

era poeta, e não morreria de belezas

trazia em sua essência levíssima alma
que autônoma quase sempre lhe fugia
pra escutar, lá do alto, os passarinhos
de cujos cantos, somente ela entendia
o lamento das notas triladas em gaiola
e as arrancadas, na mais vil selvageria
cegando bichinho pra obter gorjearia

e a tal nuvem passageira que habitava
às rebarbas dos céus então se prendia
e pra que olhasse os seus entes-'inhos'
as barbas de Deus puxava com ousadia
reclamando a alegria tirada dos ninhos
e chorando a dor tão grande que sentia
ela triste, em não lhe retornar, insistia

e o poeta adoceria de vez em quando

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 22/01/24 --

O meu corcel bailarino

vi um belo corcel branco cruzando os céus
de *collant*, tutu e ferradura de meia ponta
crinas copiosas, encaracoladas no pescoço
trançadas, em incontáveis rabos de cavalo

sedutor, trespassando o ventre de nuvens
entrando ali e saindo acolá, silente no azul
onde deixava desenhados clássicos passos
como se embalasse Tchaikovsky seu *ballet*

singular, desenvolto, despreocupado e feliz
equestre astro excelso das artes celestiais
insofismável pra mim, espectador exclusivo
no gozo do privilégio das minhas desrazões

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em
23/01/24 --

Encontrado e rachando o bico

bastante, eu tenho vibrado
quando aos olhares limitados
suscito estar meio perdido

com efeito, não ser achado
imberbe, entre os barbados
é um prazer meu desmedido

'é cada um no seu quadrado'
ou em polígono de mais lados
e eu no meu, assaz divertido

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em
26/01/24 --

Perdoa-me, meu bem!

perdoa os tantos excessos
que eu cometi deslumbrado
na ânsia de ter só pra mim

perdoa os sabidos silêncios
quando murmurava teu nome
pra evitar que o soubessem
e, assim, chamassem por ti

perdoa minhas artimanhas
ao lambar pele e entranhas
e provocar, afora, repulsão
à minha baba vertida de ti

perdoa os caminhos tortos
e a bússola desmagnetizada
pra demandar outros passos
tornando a viagem mais longa

perdoa as sombras nutridas
e o não te olhar de tão perto
pra vagar, distante espectro
e contemplar só toda tua luz

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>) em 05/02/24 ?

Exagerado e exponencialmente doce

tinha a precisão dum Cupido matemático
com um pequeno arco, disparando vetores
e cravou-lhe no peito um seu toco de reta
tal estaca pra orientar um broto de amor

irrigado, com a pureza das transpirações
avolumou-se com celeridade e intrepidez
com a direção e o sentido originais dados
e logo se tornou numeroso e fundamental
como se somasse as suas doçuras sabidas
em potências de dez - desmedidas coisas

o primeiro olhar nos braços da mãezinha
dez maçãs gala dum outono joaquinese
cem tâmaras secas da longínqua Tunísia
um mil beijos de língua de uva Thompson
dez mil suspirinhos, com raspas de limão
(com o toque das mãos da sua avozinha)

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>)
em 06/02/24 --

Ménage a trois celestial

ora a Lua entre a Terra e o Sol
ora a Terra entre o Sol e a Lua
e quando os vemos
são apenas sombras
de cruzamentos, alinhamentos
como superposições resultantes
da harmonia de movimentos bilenares
que não nos suscitam licenciosidade
ou quaisquer abusos de liberdade
em suas tão fugazes entregas
coroando as longas esperas
das distintas trajetórias
e diferentes planos

-- esse poema foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>)
em 07/02/24 --

Asado pelo amor

**antes dessas asas
era pássaro sem ninho
um despassarinho**

-- esse haikai foi publicado em meu blog pessoal (<https://antoniobocadelama.blogspot.com/>)
em 08/02/24 --